

VIAGENS COM MEU PAI

*Luiz Eduardo Gunther**



A família reunida em frente à Kombi

Quando eu era criança meu pai levava toda a família em viagens. Ele gostava de viajar. Seu veículo predileto era a Kombi. Espaçosa, econômica, tinha muitas vantagens, segundo ele.

Naquela época, décadas de sessenta e setenta do século XX, as estradas no interior de Santa Catarina eram muito ruins. Praticamente não havia asfalto. Chamava-se estrada de chão, de terra. Quando estava seco havia muita poeira. Quando chovia as estradas ficavam lisas, esburacadas, os carros derrapavam, não conseguiam avançar pelas subidas um pouco mais íngremes.

Naquela época se usava colocar correntes nos pneus. Era uma forma de facilitar as viagens pelas estradas cheias de lama e buracos.

Mas meu pai não ligava muito para isso, não. Gostava mesmo de colocar toda a família na Kombi e viajar.

¹ * Desembargador do Trabalho do TRT da 9ª Região. Professor do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Integrante da Academia Nacional de Direito do Trabalho, da Academia Paranaense de Direito do Trabalho, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Centro de Letras do Paraná.

Saíamos cedo de casa. Por volta das cinco da manhã. Levávamos tudo o que era possível na Kombi. Roupas para o quente e para o frio, muita comida e bebida de todo tipo. O pai não gostava de parar.

Nossas viagens levavam dez, doze, quinze horas. As nossas paradas eram aquelas rápidas, técnicas, para atender às necessidades mais urgentes. Então continuávamos, sempre cheio o veículo que nos levava.

Durante as viagens conversávamos muito. Cantávamos, ríamos, contávamos histórias. E o pai sempre tinha muitos "causos" para contar. Da sua vida no exército, como advogado, como político.

O que nos impressionava, sempre, era o seu bom humor. Levantava de manhã, quando estávamos em casa, sempre falando, contando histórias, de bem com a vida. Nas viagens era a mesma coisa. Falava muito, mas, também, tinha muita, muita paciência para nos ouvir.

Lembro-me que nós gostávamos de perguntar qual a distância que faltava para chegar ao destino. Ele repetia dezenas de vezes, sem cansar, a quilometragem faltante. Nunca ouvimos uma resposta desaforada quanto a essas perguntas repetidas.

Meu pai era filho único e teve seis filhos. Apenas uma filha entre os seis. E ele entendia e tratava cada um do melhor jeito possível.

Quando perguntávamos de qual ele gostava mais, contava a história de um árabe. Nessa história o árabe dizia que, sim, gostava mais de uns do que de outros. Daquele que estava doente, enquanto estivesse doente. Daquele que estava em dificuldades, enquanto assim estivesse. Nos mostrava os dedos das duas mãos e dizia que, para ele, todos eram iguais. Essa história, sempre repetida, nos mostrava que ele gostava de todos nós da mesma maneira.

Uma coisa curiosa, que chama muita atenção ainda hoje. Ele não nos surrava. Era comum naquela época os pais baterem nos filhos, com as mãos, com varas, deixarem de castigo. O pai não. Ele preferia conversar conosco. Preferia nos ouvir, dialogar, explicar, orientar. E não fazia isso com impaciência ou raiva. Tinha satisfação em falar e prestar atenção no que dizíamos.

Não gostava de proibir o que fosse. A sua principal orientação era que não prejudicássemos ninguém, fosse quem fosse. Devíamos respeitar os outros, especialmente os mais velhos.

Lembro-me, ainda, que mesmo depois, adultos, casados, sempre pedíamos a bênção para ele em sinal de respeito.

Quando a sua mãe, nossa avó, morreu, ele nos levou, depois do enterro, em uma grande viagem. Queria nos mostrar onde ele tinha nascido, onde tinha sido criado.

Mas ele gostava, mesmo, de nos levar às praias. Isso era sagrado, uma espécie de princípio que ele consagrou durante toda a sua vida.

Natal e Ano Novo passávamos em casa, reunida toda a família. No início do ano viajávamos para a praia, onde passávamos o mês inteiro de janeiro.

Isso acontecia todos os anos, durante as nossas férias, nos anos 1960 e 1970.

Na Kombi íamos os seis, o pai, a mãe, a vó, algum parente próximo, e uma empregada que nos ajudava. As viagens eram um acontecimento. Tinha rádio de pilha, galinha com farofa, salgadinhos de todo tipo, doces, chás, café e muita, muita troca de ideias, cantorias.

Quando ouço, hoje, aquela frase que diz: o importante não é a chegada, é a caminhada, lembro daqueles tempos.

Não nos cansavam as viagens, por mais que durassem dez, doze, quinze horas. Em algumas ocasiões quase um dia inteiro. Sempre tínhamos muitos motivos para dar boas gargalhadas.

Lembro-me de uma vez que a viagem levou um dia inteiro. A Kombi atolou. Tivemos que chamar por socorro. Veio um trator que nos ajudou a sair do atoleiro. Todos estávamos sujos de barro, mas ninguém reclamou.

Quando chegávamos na praia, primeiro descarregar, arrumar a casa. Depois ligar a geladeira, que funcionava com querosene. Daí sim podíamos ir ao mar, que ficava bem pertinho de casa.

A praia que íamos era quase deserta. Hoje não é mais. Mas naquela época tínhamos que levar muita coisa de casa, porque praticamente não havia lugares onde comprar o básico para passarmos o mês.

Fazíamos, então, cada semana, uma viagem da praia até outra cidade próxima, para comprar o indispensável.

A casa era simples, pequena, mas conversávamos muito, líamos muito, jogávamos baralho. As nossas viagens nos uniam.

O pai sempre dizia: janeiro é sagrado. É o nosso período de férias. Precisamos desse mês, na praia, para recarregar nossas energias, para enfrentar o resto do ano. E contava histórias que ele tinha lido sobre esse assunto. A importância do sol, do iodo da praia, do vento, dos peixes. Tudo servia de lição bem-humorada, para nós, seus filhos.

Já o perdemos. Ele não está mais entre nós. Mas as viagens que ele propiciou ainda continuam inesquecíveis. Foram aulas que nos deixaram lições magníficas. Ele nunca foi um professor de escola, com diploma, mas era um professor nato. Tinha paciência para nos ensinar. E gostava de fazer isso durante as viagens, quando tinha mais tempo para conversar conosco.

Isso aconteceu há mais de quarenta anos. Mas essas viagens ainda passam em minha memória. Com tantos detalhes, tantas emoções, às vezes aparece até um nó na garganta, escorre uma lágrima no canto do olho. Viagens com o pai, maravilhosas, inesquecíveis.